

Diplomacia cultural e a canonização da arte italiana no pós-guerra

Dunia Roquetti - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas

A exposição itinerante *Dez Anos de Pintura Italiana (Dieci Anni di Pittura Italiana)*, organizada pela Bienal de Veneza por encargo dos Ministérios Italianos das Relações Exteriores e da Educação, percorreu entre 1957 e 1958 cidades latino-americanas como Caracas, Bogotá, Lima, Santiago, Buenos Aires e Montevideu, chegando ao Brasil no final de 1957. No país, foi apresentada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, no antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo e no Museu de Arte Moderna de Belo Horizonte.

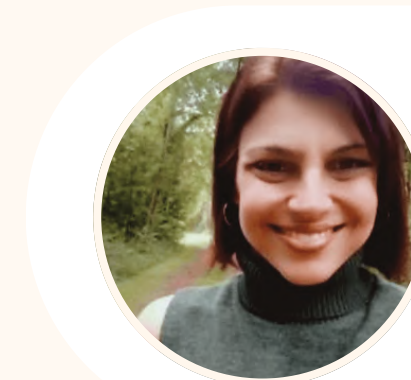
A seleção das obras foi confiada a um comitê científico composto por figuras centrais da historiografia e da crítica italiana, como Giulio Carlo Argan, Roberto Longhi, Rodolfo Pallucchini, Giuseppe Fiocco, Carlo Alberto Petrucci, Pericle Fazzini e Gino Severini, que contribuem com a própria autoridade científica e moral para dar prestígio à projeção internacional da cultura italiana no pós-guerra. Foram selecionados 25 artistas.

Mais do que um panorama da produção recente, a mostra pode ser compreendida como uma construção historiográfica. O recorte dos “dez anos” posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial institui uma manobra discursiva deliberada que articula a sinalização da ruptura com o passado fascista à reinserção da arte moderna italiana em uma gramática de pluralização artística.

A própria estrutura curatorial evidencia essa manobra. A presença de artistas como Afro Basaldella, Renato Birolli e Ennio Morlotti enfatiza a consolidação de linguagens abstratas e informalistas, alinhadas às tendências dominantes no cenário artístico internacional do pós-guerra e eficazes como linguagem transnacional no contexto da Guerra Fria. Em paralelo, a inclusão de nomes novecentistas como Arturo Tosi, Giorgio Morandi e Carlo Carrà produz um efeito de estabilização da continuidade histórica.

Essa justaposição reorganiza conflitos internos sob uma estrutura de coesão e coerência. O texto catalográfico tende a converter a diversidade geracional em síntese, desloca as problemáticas estéticas e os posicionamentos artísticos para um plano de unidade interpretativa, transformando a heterogeneidade como um princípio de identidade cultural italiana.

A itinerância de *Dez Anos de Pintura Italiana* contribui para a reorganização do cânone moderno italiano na América Latina segundo uma lógica diplomática, na qual a arte funciona como instrumento de projeção dos valores da Itália republicana, articulando produção estética e política externa na busca pela solidificação de sua imagem internacional no pós-guerra.



Dunia Roquetti

Bolsista de Pós-Doutorado
Instituto de Artes, UNICAMP